

EPP – Escola Paulista de Psicodrama

**O SONHO
NA PSICOTERAPIA INFANTIL**

Psic. Milene Shimabuku Silva Berto

2006

Psic. Milene Shimabuku Silva Berto

**O SONHO
NA PSICOTERAPIA INFANTIL**

**Trabalho apresentado para a obtenção
do título de psicodramatista na
Escola Paulista de Psicodrama**

Orientador: Dr. Victor Roberto Ciacco da Silva Dias
Co-Orientador: Psic. Cristiane Aparecida da Silva

**EPP – Escola Paulista de Psicodrama
2006**

Agradecimentos

**Aos meus pais,
presentes em todos os momentos;**

**Ao Caio,
meu querido marido;**

**Ao Dr. Victor,
admirável orientador;**

À sempre dedicada Cristiane.

Muito Obrigada!

O SONHO NA PSICOTERAPIA INFANTIL

SUMÁRIO

Introdução	05
I – Referências Teóricas Sobre Sonhos – enfoques dos sonho	06
II- Entendimento Psicológico dos Sonhos na Análise Psicodramática	09
III- Método da Decodificação dos Sonhos na Análise Psicodramática	12
IV- O Manejo dos Sonhos na Psicoterapia Infantil	18
V- Considerações Finais	30
VI – Referências Bibliográficas	31

INTRODUÇÃO

O meu interesse em trabalhar com Sonhos surgiu a partir da minha formação em Análise Psicodramática, na qual me deparei com um método de trabalho diferente de outras abordagens. Comecei a aplicá-lo como um recurso no processo de psicoterapia de adultos, com resultados clínicos satisfatórios.

Em outro pólo, há o trabalho com crianças que é uma área que me mobiliza grande interesse e que pretendo dedicar-me ao aprofundamento de estudos nesta área, contribuindo para uma psicoterapia em desenvolvimento (Petrilli, 2002). Assim, resolvi agregar duas áreas que muito me encantam: o atendimento infantil e o trabalho psicodinâmico com sonhos.

A partir disto, comecei a solicitar e estimular para que os clientes trouxessem os seus sonhos. E estes vieram.

Notou-se que em seu conteúdo os sonhos traziam elementos da dinâmica de personalidade da criança e da própria família, auxiliando no diagnóstico e norteadando o trabalho clínico com a mesma e no atendimento com os pais.

Neste trabalho pretendo correlacionar o sonho com a psicodinâmica do indivíduo, mostrando que existe a possibilidade de se trabalhar com mais este recurso técnico na psicoterapia infantil. Além disso, entendo que existe a necessidade de desenvolver este tema no enfoque ludoterápico, tão pouco explorado e escrito.

O trabalho com sonhos é baseado no referencial teórico da Análise Psicodramática, denominado *Método da Decodificação dos Sonhos*, que consiste em uma forma específica de trabalhar com sonhos, desenvolvido pelo Dr. Victor Dias.

No primeiro capítulo percorro um caminho descrevendo a visão de três grandes intérpretes dos sonhos e símbolos – Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Jacob Levy Moreno –, com o objetivo de localizar teoricamente o trabalho com sonhos na Análise Psicodramática.

No capítulo seguinte, comento sobre o entendimento psicológico dos sonhos pela abordagem teórica proposta, a Análise Psicodramática. No capítulo III, descrevo o Método da Decodificação dos sonhos; no capítulo seguinte, relato minha experiência, ilustrada com alguns casos clínicos, abordando o manejo dos sonhos na psicoterapia infantil. No último capítulo faço as considerações finais.

CAPÍTULO I – REFERÊNCIAS TEÓRICAS SOBRE SONHOS

– enfoques do sonho

Segue-se um breve comentário sobre três intérpretes dos sonhos e dos símbolos, destacando, principalmente, origem, função, entendimento dos sonhos e técnicas utilizadas para desvendar os significados dos símbolos, com o objetivo de localizar o trabalho no referencial teórico escolhido: a Análise Psicodramática.

I.1) Sigmund Freud (1856 - 1939)

Freud publicou em 1900 o seu livro *Traumdeutung* [A Interpretação dos Sonhos] e afirmou que: “Um sonho é a realização disfarçada de um desejo reprimido”.

Na teoria de Freud, a origem dos sonhos estava correlacionada aos impulsos recalçados, que ele chamou de pulsões e que vinham do território do inconsciente. Segundo ele, no inconsciente estavam recalçados impulsos e sentimentos, principalmente agressivos, incestuosos e sexualizados que não deveriam vir para o conhecimento da consciência do indivíduo, onde jamais seriam aceitos.

Para Freud, estes impulsos deveriam ficar recalçados e a função dos sonhos seria a realização desses desejos de forma disfarçada, o material viria sob a forma de símbolos e sem danos para a saúde psíquica do sonhador. Na interpretação dos sonhos, segundo esta abordagem, a maioria dos símbolos eram relacionados a conteúdos sexuais, uma vez que estes eram os principais problemas psicológicos de sua época, por viver em uma sociedade com fortes tendências moralistas e de intensa repressão sexual.

A principal técnica utilizada por Freud foi a da Livre Associação, realizada pelo cliente sonhador, seguida de uma interpretação do terapeuta. Dessa forma, o trabalho se baseava no material manifesto, constituído pelo sonho e pelas associações do cliente para interpretar o material latente que era constituído do material reprimido no inconsciente.

I.2) Carl Gustav Jung (1875 – 1961)

Jung pensava o sonho como uma forma de expressão do inconsciente e ajudava o sonhador a esclarecer o que o psiquismo estava tentando revelar.

Jung preocupou-se com o conceito da totalidade do psiquismo humano, o que o levou a ampliar o entendimento dos símbolos, percorrendo um caminho mais abrangente que chamou de Inconsciente Coletivo.

Desta maneira, acreditava que a origem dos sonhos seriam manifestações do Inconsciente pessoal do sonhador e do Inconsciente Coletivo, tendo como função orientar o sujeito em seu caminhar na vida, além de descarregar pulsões reprimidas. Nota-se, portanto, que Jung amplia a idéia trazida por Freud de uma interpretação onírica baseada na teoria da Sexualidade, acrescentando a estas representações universais ligadas à humanidade – Inconsciente Coletivo.

O entendimento dos sonhos e dos símbolos era baseado, portanto, nestas representações milenares da humanidade, principalmente nos mitos, assim como na história de vida do sonhador, sendo estes interpretados pelo terapeuta. Além do estudo dos mitos, outra técnica utilizada por Jung para desvendar os símbolos dos sonhos foi a Imaginação Ativa, que consistia em dar seqüência ao sonho a partir de um estado mais relaxado.

I.3) Jacob Levy Moreno (1889 – 1974)

Moreno, criador do Psicodrama, entende o sonho como um processo criativo e, portanto, um auxiliar do indivíduo em relação a si mesmo, tendo semelhanças às idéias descritas anteriormente por Jung. Utilizou as técnicas de dramatização para trabalhar com os sonhos, que denominou “Técnica Psicodramática para a Representação dos Sonhos”.

José Roberto Wolff, psicodramatista moreniano, trouxe o termo Onirodrama para designar o trabalho com sonhos no Psicodrama. Esta técnica consiste em dramatizar o sonho, na qual o indivíduo parte para a ação, em lugar de relatar as situações vividas em sonhos, jogando as cenas com todos os elementos presentes, revivendo e criando o seu próprio sonho. Acreditava que ao dramatizar o sonho, o sonhador seria conduzido a outras cenas latentes necessárias para a identificação da situação conflitual, permitindo, assim, a clarificação de aspectos obscuros ou mesmo a elaboração de conflitos importantes.

Considerando o que foi exposto, observa-se que a interpretação dos sonhos, principalmente para Freud e para Jung, é realizada pelo terapeuta, com base na abordagem teórica seguida, na história de vida do sujeito, além de contar com as associações realizadas pelo sonhador, sejam estas verbais ou dramáticas (Moreno).

Victor Dias (2002) questiona este método de decodificação dos símbolos dos sonhos, pois considera que quando o terapeuta assume a interpretação dos elementos do sonho, a partir de sua corrente teórica e dos valores morais da época, este pode correr o risco de rotular o sonho em vez desvendá-lo. Além disso, o autor considera que ao pedir auxílio para o Eu Consciente do sonhador (Associação Livre de Freud, Imaginação Ativa de Jung, Representação dos Sonhos de Moreno), este pode funcionar como filtro dos verdadeiros significados dos elementos oníricos, causando uma superficialização do conteúdo sonhado.

Assim, Victor Dias desenvolveu um método para trabalhar com os sonhos, identificando em sua Escola de Psicoterapia, a Análise Psicodramática, a origem dos sonhos e a técnica utilizada pelo terapeuta para decodificar o material trazido pelo sonho.

CAPÍTULO II – ENTENDIMENTO PSICOLÓGICO DOS SONHOS NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA

Desde 1995 Victor Dias tem desenvolvido uma forma de trabalhar com sonhos no processo de psicoterapia que denominou *Método da Decodificação dos Sonhos*.

Este método é baseado no referencial teórico da Análise Psicodramática, que tem como “*objetivo acelerar o processo de sonhar e repetir os elementos do sonho na tentativa de clarear sua mensagem simbólica.*” (Dias, 2002, p.09). Assim, observa-se que Victor Dias entende que o próprio psiquismo tem o poder de dar a resposta e decodificar o verdadeiro significado do material simbólico. Para isto, ele propõe que o terapeuta faça apenas alguns comentários sobre a simbologia contida no sonho, evitando a interpretação, para diminuir os possíveis erros e estimular o ato de sonhar. A partir de sua observação, começou a notar que a repetição dos elementos e do enredo do sonho acontecia de maneira que os símbolos se tornavam mais claros.

É importante comentar sobre a origem e o entendimento dos sonhos pela Análise Psicodramática, antes de falar sobre a técnica utilizada pelo terapeuta para trabalhar com o sonho, o Método da Decodificação dos Sonhos.

Na Análise Psicodramática, entende-se que o sonho é “*uma mensagem que o psiquismo manda para ele mesmo*” (Dias, 2002, p.10), sendo, portanto, “*uma tentativa de autocura do psiquismo*” (Dias, 2002, p.10).

Segundo Victor Dias (2002), o material onírico no contexto da psicoterapia pode ter duas formas: codificado e não-codificado.

Os sonhos não-codificados são aqueles compostos por materiais que não estão excluídos do Eu Consciente do Sonhador, mas que em algum momento já foi excluído. São sonhos que não apresentam elementos simbólicos e o enredo é lógico e compreensível.

Vamos nos ater aos sonhos codificados, uma vez que o método da decodificação dos sonhos, aplica-se basicamente aos sonhos cujo material onírico está codificado.

Os sonhos codificados são aqueles provenientes de materiais excluídos da esfera do conhecimento do sonhador, tanto da 1ª como da 2ª Zona de Exclusão. Apresentam elementos simbólicos, tendo freqüentemente o enredo ilógico e incompreensível para o Eu Consciente do indivíduo.

É importante destacar que a 1ª Zona de Exclusão é formada ao redor dos 2 anos de vida da criança e é composta por vivências cenestésicas da fase intra-uterina, como também por vivências dos primeiros anos de vida e sensações ligadas a um clima cósmico (esta idéia tem correlação com o conceito de Inconsciente Coletivo de Jung). Nela também estão armazenadas 4 tipos básicos de registros: Sensação de falta (permanece uma sensação de algo que deveria existir, mas que não existe, trazendo uma sensação de incompletude e vazio), Vivência do Clima Inibidor (é sentido como total desamparo, impotência, desespero e uma sensação de “sem saída”), Tensão crônica (fica um registro cenestésico de expectativa de que algo precisa e deve ser completado em algum momento, gerando acúmulo de tensão) e bloqueio da Espontaneidade (sensação de falta de espontaneidade, acarretando medo, vergonha e ansiedade). Esse material fica excluído por meio dos Vínculos Compensatórios.

A 2ª Zona de Exclusão é formada por material excluído do Conceito de Identidade a partir dos 2 anos de idade e continua por toda a vida. O Conceito de Identidade é a *“somatória das vivências do indivíduo com as vinculações entre seus climas afetivos internos com pessoas e conceitos (religiosos, morais, filosóficos, políticos, sociais, etc.) (que) vai estabelecer uma noção de entendimento em relação a si mesma, aos outros e ao próprio mundo”*. (Dias, 1994, p.42). Assim, durante o desenvolvimento, todas as vivências que contradizem frontalmente o conceito de identidade são excluídas do plano consciente e ficam como que “esquecidas”. Para que esse material, que constitui a 2ª Zona de Exclusão, não seja mobilizado, o psiquismo lança mão de mecanismos denominados Defesas Intrapsíquicas. Portanto, as defesas intrapsíquicas serão mobilizadas sempre que houver uma tentativa deste material depositado na zona de PCI vir à esfera do Consciente.

“As vivências registradas e contidas tanto na 1ª quanto na 2ª Zona de Exclusão são chamadas de Material Excluído e não encontram livre acesso às esferas do Eu Consciente, embora façam parte da Identidade do indivíduo”. (Dias, 2002, p. 11)

Desta forma, os Sonhos Codificados trazem informações sobre o material excluído por meio de seu foco afetivo, dos seus elementos ou enredos, sendo estes simbólicos, por não ter livre acesso ao Eu Consciente.

“O sonho codificado passa a ser uma forma de o psiquismo trazer, mesmo que de forma simbólica, o Material Excluído para a esfera de conhecimento do Eu Consciente, o que pode ser entendido como uma tentativa de auto-resolução do próprio psiquismo”.

(Dias, 2002, p. 12) Observa-se, portanto, que o sonho é um grande aliado técnico dentro do processo de psicoterapia, uma vez que vem ao encontro de seu próprio objetivo, na tentativa de alcançar a saúde mental.

CAPÍTULO III – MÉTODO DA DECODIFICAÇÃO DOS SONHOS NA ANÁLISE PSICODRAMÁTICA

Como foi mencionado anteriormente, o “*Método da Decodificação dos Sonhos, na Análise Psicodramática, consiste em uma forma de trabalhar com sonhos cujo objetivo é acelerar o processo de mobilização, de clareamento e de posterior integração do Material Excluído na esfera do Eu Consciente do indivíduo.*” (Dias, 2002, p. 12)

Para que isto ocorra, Victor Dias sugere que o recurso técnico básico do terapeuta seja o da decodificação dos conteúdos oníricos e não a interpretação dos mesmos, para que o indivíduo seja mobilizado a voltar a sonhar de maneira a formar uma seqüência mais clara dos elementos simbólicos, até poderem ser integrados ao Eu Consciente.

Desta forma, tanto as interpretações do terapeuta do conteúdo simbólico quanto as associações advindas do Eu Consciente do cliente são irrelevantes no método da decodificação dos sonhos, uma vez que entende-se que o real significado dos elementos oníricos devam ser dados pelo próprio trabalho do sonho, à medida que estes vão se tornando mais claros.

Entende-se, portanto, “*que quando o terapeuta estabelece uma interface com a Zona de Exclusão do sonhador e decodifica o sonho sem a interferência do Eu Consciente, ele está estimulando que o próprio psiquismo do cliente tente decifrar, nos sonhos subseqüentes, os seus próprios símbolos, baseado na premissa e na observação clínica de que o sonhador sabe sem poder saber do que se trata o Material Excluído*” (Dias, 2002, p.14)

Victor Dias compõe este método em duas partes distintas: o estabelecimento de uma interface entre o terapeuta e a Zona de Exclusão do sonhador e a interface entre o terapeuta e o Cliente (Eu Consciente).

A primeira diz respeito ao que foi discutido anteriormente, onde o terapeuta faz a decodificação do sonho diretamente para a Zona de Exclusão, mobilizando elementos para que o cliente volte a sonhar, de forma mais clara, a respeito do mesmo material abordado. Segundo o autor, na decodificação o terapeuta reconta o sonho de maneira mais compreensível, clareando os conteúdos não-codificados, os símbolos consensuais, sem interpretar aqueles mais complexos, sendo estes mensagens que o sonhador “sabe”, mas que ainda não pode saber que “sabe”. Desta maneira, ocorre uma estimulação da zona de

exclusão para que esta continue enviando as mensagens de forma mais clara, por meio dos sonhos, para a esfera do conhecimento do sonhador.

Paralelamente a este processo, é necessária uma pesquisa ao Eu Consciente sobre o material que o sonho está manifestando, solicitando analogias, lembranças, associações que os elementos oníricos trazem à sua Consciência. Este trabalho tem como objetivo permitir um espaço psicológico na esfera do conhecimento do indivíduo, promovendo o questionamento e a flexibilização do conjunto de crenças que impedem a aceitação e a assimilação daquele material excluído contido no sonho.

Conclui-se, portanto, que na Análise Psicodramática, cabe ao próprio processo do sonhar a decodificação do material contido nos sonhos, sendo o terapeuta um facilitador, além de possibilitar condições para que este material excluído seja integrado à estrutura psicológica do cliente.

Na Análise Psicodramática os sonhos são classificados em 5 grupos:

- A)- Sonhos de Realização de Vontades (não-codificados);
- B)- Sonhos de Constatação (Não-codificados);
- C)- Sonhos da 1ª Zona de Exclusão (Codificados);
- D)- Sonhos de Reparação (Codificados e não-codificados).
- E)- Sonhos da 2ª Zona de Exclusão (Codificados);

A) SONHOS DE REALIZAÇÃO DE VONTADES

Como o próprio nome diz, são aqueles cujos elementos e enredo explicitam uma vontade ou necessidade do sonhador. Este material está na esfera do conhecimento e, portanto, não possuem símbolos e não precisam de decodificação ou interpretação. O efeito terapêutico é possibilitar a descarga de sentimentos, vontades ou sensações que o sonhador está impossibilitado de expressar.

B) SONHOS DE CONSTATAÇÃO

São sonhos que informam ao Eu Consciente as vivências, sejam elas, pensamentos, sentimentos, intenções ou percepções que o sonhador tem certa consciência, mas que não pode assumir frente a si mesmo. Estes sonhos dizem respeito a Material Justificado, no qual as vivências contradizem o conceito de identidade sem serem totalmente incompatíveis a ele, sendo registradas no Eu Consciente, seguidas por justificativas. São sonhos em que os

elementos oníricos não são simbólicos ou possuem alguma simbologia de fácil compreensão.

O efeito terapêutico é o cliente poder constatar, sem as devidas justificativas, seus verdadeiros sentimentos, pensamentos, percepções ou intenções, possibilitando o questionamento e a reformulação do seu Conceito de Identidade.

C) SONHOS DE 1ª ZONA DE EXCLUSÃO

São sonhos que trazem o material excluído da 1ª zona de Exclusão. São sonhos onde as sensações provocadas no sonhador são mais importantes que a simbologia ou o enredo existentes.

Como foi dito anteriormente, o material da 1ª Zona de Exclusão é composto por material cenestésico, vivências intra-útero, da fase de formação dos modelos de ingeridor, defecador e urinador e as vivências cósmicas.

D) SONHOS DE REPARAÇÃO

São sonhos em que o sonhador repara o material excluído mediante o próprio sonho ou dentro do próprio sonho. Estes sonhos, em sua maioria, não necessitam de decodificação ou interpretação, mas um clareamento de que o conflito foi “solucionado” mediante ou dentro de determinado sonho.

E) SONHOS DE 2ª ZONA DE EXCLUSÃO

Como já foi dito, os sonhos de 2ª Zona de Exclusão trazem conteúdos que foram excluídos do Conceito de Identidade por chocar frontalmente com este conceito. São sonhos simbólicos e são os que mais aparecem durante o processo de psicoterapia.

O Método da Decodificação dos Sonhos na Análise Psicodramática aplica-se neste tipo de sonhos. Victor Dias comenta que quando o cliente relata um sonho no contexto da psicoterapia, deve-se encará-lo como material soberano, uma vez que é o material que deve ser resgatado no processo para ser integrado ao seu Conceito de Identidade.

O autor sistematizou (2002) cinco passos para a Decodificação dos Sonhos da 2ª Zona de Exclusão:

- E.1)- Foco afetivo do sonho;
- E.2)- Elementos do sonho;

E.3)- Relação entre os elementos do sonho;

E.4)- Enredo do sonho;

E.5)- Interpretação do sonho.

E.1) Foco afetivo do sonho: é o clima afetivo, o conjunto de sentimentos ou intenções, predominante durante o sonho e não inclui o clima afetivo do acordar, pois neste momento, o indivíduo pode estar influenciado com as reações afetivas ligadas ao Eu Consciente. Portanto, quando o indivíduo acorda de um sonho Codificado, ele transita de uma vivência da Zona de Exclusão para uma vivência de Psiquismo Organizado e Diferenciado (Eu Consciente).

Victor Dias observou que freqüentemente esta passagem é permeada por alguns climas afetivos e o mais comum é o pânico, pois, por alguns instantes, o indivíduo fica sem um Conceito de Identidade para se apoiar, uma vez que durante esta transição fica desorientado entre a vivência do Material excluído e a retomada do Conceito de Identidade.

O foco afetivo do sonho pode estar centrado no próprio sonhador, nos personagens (quando o sonhador encontra-se na posição de observador), no elemento de enquadre, no enredo, ou ainda, pode estar codificado de forma simbólica como frio (abandono, desamparo), gelo (ódio, dureza), sol (alegria, acolhimento).

A importância terapêutica de identificar o foco afetivo do sonho é o contato com este conjunto de sentimentos ou intenções que fazem parte do Material Excluído, sem a censura do Eu Consciente.

E.2) Elementos do Sonho: são todos os componentes presentes no sonho. Victor Dias divide estes elementos em 4 grupos:

a) Elementos de enquadre: é o lugar, o cenário no qual o sonho acontece. Victor Dias (2002) dividiu os elementos de enquadre em 3 tipos:

a.1) Elemento de enquadre real: quando o cenário já fez ou faz parte da vida do sonhador. O autor considera que quando o elemento de enquadre é um local do passado da vida do sonhador ele pode ser, também, um marcador de época.

a.2) Elemento de enquadre como extensão do Eu do sonhador: o local é identificado como seu, ou é um local que parece ser familiar, mas não é identificado como um lugar

conhecido. Esse local pode ser considerado como uma região do próprio psiquismo do sonhador.

a.3) Elemento de enquadre simbólico: o local do sonho é representado por um elemento simbólico que pode ser um sentimento, uma sensação, uma fase de vida ou mesmo uma região do Eu do sonhador.

b) Marcador de época: a época do sonho é a fase do desenvolvimento psicológico e a idade que o material presente no sonho foi vivido, excluído do Conceito de Identidade e depositado na Zona de PCI. A relevância terapêutica deste elemento é a de auxiliar na pesquisa, com o Eu Consciente do cliente, de que tipos de vivências ocorreram na época indicada no sonho. “*Este marcador de época é um elemento que chama a atenção do sonhador durante o sonho, mas não participa do seu enredo.*” (Dias, 2002, p. 46)

Os marcadores de época que mais aparecem são: pessoas, locais, objetos, situações, climas afetivos, detalhes, datas, roupas, etc.

c) Elementos Simbólicos: são aqueles símbolos que trazem significado para o enredo do sonho. Alguns deles o significado é de difícil decodificação, outros apresentam significado consensual, ou ainda existem aqueles que só encontram significado na vida do próprio sonhador.

d) Personagens: são as pessoas que participam do enredo do sonho. Victor Dias (2002) divide esses personagens em 4 tipos:

d.1) Personagens Propriamente Ditas: são as pessoas do passado, do presente, já falecidas, conhecidas ou não que aparecem no sonho.

d.2) Dublês: são as pessoas que aparecem no sonho que estão representando os verdadeiros personagens, que ainda não podem ser identificados.

d.3) Montagens: são pessoas que aparecem no sonho e que são uma composição de traços de várias pessoas. Nos sonhos seguintes se desdobram em duas ou mais pessoas.

d.4) Figuras Simbólicas: são pessoas que representam sentimentos, intenções ou significados universais. Exemplos: bruxas, fadas, diabos, anjos etc.

E.3) Relação entre os elementos do sonho: são as relações que se estabelecem entre os elementos do sonho e que irão formar o Enredo do Sonho. A partir do entendimento das relações entre o sonhador e os elementos do sonho, a mensagem simbólica trazida pelo sonho torna-se mais compreensível.

Victor Dias dividiu em dois grupos a relação entre os elementos do sonho:

a) Posição de observador: ocorre quando o sonhador não interage com os elementos do sonho, apenas observa a relação entre eles. Victor Dias entende que é uma Postura de Evitação, onde o sonhador fica distante das emoções e das intenções contidas no enredo.

b) Interação com os elementos do sonho: ocorre quando há a interação do sonhador com os elementos do sonho, tanto personagens como simbólicos.

E.4) Enredo do sonho: é a mensagem do sonho decodificada. Segundo Victor Dias (2002), “quanto mais enredo tiver o sonho, mais organizado está o material excluído e maior é o seu valor terapêutico”. (p. 57)

Neste momento é realizado o relato do sonho, que consiste em recontá-lo ao cliente acrescentando as decodificações realizadas, ou seja, o foco afetivo, o marcador de época, os elementos simbólicos, as personagens e a relação existente entre os elementos. Se o relato do sonho fizer sentido para a Zona de Exclusão do cliente este voltará a sonhar repetindo os seus elementos ou o próprio enredo.

E.5) Interpretação do sonho: é o entendimento psicológico da mensagem do sonho, baseado no material que o compõe. Neste momento, traz-se o material excluído para a esfera do conhecimento, confrontando este material com o conceito de identidade vigente. Victor Dias utiliza a interpretação quando o sonho está muito claro, em condições de ser assimilado pelo Eu Consciente.

CAPÍTULO IV: O MANEJO DOS SONHOS NA PSICOTERAPIA INFANTIL

Assim como com os adultos, a primeira abordagem para se trabalhar com sonhos no contexto ludoterápico é fazer com que o cliente comece a se interessar pelos seus sonhos, que a criança passe a entrar em contato com o material onírico. É importante realizar uma breve explicação do que é o sonho e sua importância no processo de psicoterapia e solicitar que comece a prestar a atenção e tentar lembrar os seus sonhos. E isto foi o suficiente para que as crianças trouxessem os seus sonhos para o processo de psicoterapia.

A seguir são apresentados alguns sonhos, sendo importante observar que em seus conteúdos estes trazem elementos da dinâmica de personalidade da criança e da própria família, auxiliando no diagnóstico e norteando o trabalho clínico com a mesma e no atendimento com os pais.

Além disso, também é importante notar que nos sonhos aparecem repetições de elementos simbólicos e do próprio enredo, que vai se apresentando mais compreensível, tornando-se um material onírico não-codificado.

CASO 1:

Este pode ser um exemplo que como a decodificação do sonho auxiliou na percepção dos elementos da psicodinâmica familiar, direcionando o trabalho com a criança e no atendimento com os pais.

V., 12 anos, veio para avaliação psicológica pelo endocrinologista pela dificuldade de se controlar com a comida, estava obeso.

A criança, contou: *“Estava assistindo TV e comendo. De repente sai de dentro da TV um homem sem rosto e desapareceu. Fui procurar minha família pela casa, vi sangue nos quartos e dizeres na parede: ‘Você será o próximo’. O homem aparece e eu tento me defender com um garfo sem pontas e de plástico (de bolo), o garfo atravessa o homem. Ele era um fantasma”*.

Decodificação: Entra em contato com uma Figura Masculina da fantasia (homem sem rosto que sai da TV), que supõe que ocorreu algo de sofrimento (sangue) relacionado à família. O contato com esta fantasia é ameaçador e este tenta se proteger. Esta proteção acontece por um recurso relacionado à comida (garfo sem pontas e de plástico).

Na mesma sessão, contou o seguinte sonho: *“Estava saindo do Hospital do Servidor, fui pegar o ônibus, que estava todo colorido. Entro no ônibus e quando sento, acho uma caneta dourada. Comecei a desenhar um Z na mão, este Z se materializou e começou a pular pelo meu braço. Todas as pessoas do ônibus se assustaram. Chego em casa e minha mãe não estava, desenhei na parede um bolo e um suco de goiaba”*.

Decodificação: Entra em contato com um recurso de expressão e comunicação (caneta). Inicia esta comunicação, primeiramente, de forma intimista (desenha na própria mão), porém quando ocorre a expressão para o ambiente este se assusta. Vai para casa encontrar proteção (mãe), mas não encontra este suporte e então substitui por comida.

Comentários: O primeiro sonho diz respeito a fantasia de uma figura masculina ameaçadora e a tentativa de se defender é por meio da comida. O segundo sonho fala da expressão de conteúdos internos para o ambiente, que lhe assusta e se depara com ausência de proteção, sendo substituído novamente pela comida. Estes dois sonhos revelam, portanto, um tema central que é a substituição da proteção (relacionado à figura materna) pela comida.

Sabia-se que os pais de V. se separaram quando este tinha aproximadamente 4 anos; o pai era ausente. A partir do material trazido pelo sonho aliado à história de vida da criança foi possível perceber, clarear e trabalhar a energia masculina que estava tolhida e que lhe trazia ameaça. Não encontrava nestas mulheres continência para administrar estas coisas de homem e substituía pela comida.

Além disso, percebeu-se que as figuras femininas eram permissivas, boicotavam o seu regime e depois cobravam um limite e controle de sua parte.

Este atendimento ocorreu em uma instituição pública, onde a duração das sessões tem tempo limitado. Após o término da avaliação (com caráter interventivo) a criança e a mãe foram encaminhadas para psicoterapia próximo a residência.

CASO 2:

M., 11 anos. A mãe e o padrasto a trouxeram para psicoterapia por perceberem que esta apresentava medos intensos, era extremamente tímida e insegura.

A criança contou: *“Sonhei que uma pessoa invadiu a minha casa e pegou os meus pais. Eu queria ajudá-los, mas quando o ladrão me viu, largou os meus pais e me pegou. Saiu de carro comigo. Acordo”*.

Decodificação: A primeira parte do sonho, M. encontra-se na posição de observadora, onde percebe uma ameaça dirigida aos pais. Em seguida, M. deseja a proteção dos pais, mas na verdade M. é a grande vítima e está desprotegida.

Nas sessões seguintes, contou: *“Sonhei que um homem estava andando de moto, quando caiu e cortou a cabeça. A minha empregada começou a chorar e eu perguntei o porque ela estava chorando e ela respondeu: ‘Porque o homem morreu’. Nós precisávamos ir até a venda e a empregada queria passar perto do homem e eu não queria. Tinha medo. Quando eu passo perto, o homem sem cabeça se levanta e começa a correr atrás de mim. Acordo”*.

Decodificação: M. encontra-se, inicialmente, na posição de observadora, onde vê uma figura masculina que cai de um lugar de destaque (cai do pedestal), este amortece seus sentimentos (morte), porém retorna de forma impulsiva (homem sem cabeça) e novamente M. encontra-se desprotegida.

Comentários: Observa-se pela seqüência destes dois sonhos que o homem ameaçador é um elemento que se repete: no primeiro sonho esta figura masculina aparece como um invasor, no segundo sonho transforma-se no homem sem cabeça. Além disto, existe a presença nos dois sonhos de um foco afetivo de desproteção.

Neste momento da terapia, os medos se intensificaram, sendo projetados para os “fantasmas”, M. relatava que ouvia barulhos estranhos em casa, achava que suas bonecas queriam machucá-la, além de temer que alguém invadisse sua casa. Colocava sua cachorra dentro de casa, na tentativa de protegê-la e se trancava, até o momento em que os pais chegavam.

Paralelamente, nas sessões, M. estava mais espontânea, manifestando seus desejos e expressando suas intenções e sentimentos, além de propor jogos mais agressivos. Observou-se que M., muitas vezes, se assustava com sua postura, se desculpando pelas atitudes hostis.

Após algum tempo, M. contou: *“Sonhei que estava sozinha em casa com meus dois cachorros. Alguém bate na porta. Reconheço as vozes dos meus pais, dizendo para que eu abra a porta. Eu abro e dou de cara com um pitbull que flutua e uma mulher com corpo de sereia e cabelos e olhos brancos. Eu me assusto e peço para que um dos meus cachorros (o mais bravo) ataque-os. Depois eu saio correndo com os cachorros”*.

Decodificação: Está em contato com a sua parte mais instintiva (cachorros). Começa a perceber o lado encoberto dos pais (não racional, menos lógico). O pai é percebido como mais agressivo (pitbull) e com pouco contato com a realidade (flutua, sem os pés no chão). A mãe é percebida dissociada na sua sexualidade (corpo de sereia) e pensamentos (cabelos e olhos brancos). Se defende, enfrentando a parte encoberta dos pais e assumindo o comando dos seus instintos (pedir para o cachorro atacá-los).

Comentários: Observa-se que este sonho também é seqüência dos anteriores, onde a figura do invasor/agressor começa a ser associada aos pais. É importante destacar que inicia-se um processo de reparação dentro do próprio sonho, onde M. se protege destes agressores por meio de seus recursos internos (cachorros).

Após alguns meses de psicoterapia, as queixas de medo haviam cessado, comecei a observar um esvaziamento nas sessões e a mobilização de defesa intrapsíquica. Além de manejar tecnicamente esta defesa, solicitei que M. prestasse atenção em seus sonhos e esta começou a trazê-los. A seguir tem-se a seqüência dos seus sonhos:

“Sonhei que estava no rancho de uma amiga da minha mãe, estavam meus pais e meus irmãos e a família da amiga da minha mãe. De repente, me vejo sozinha. Um homem maluco e psicopata começou a vir atrás de mim, a me perseguir. Começo a correr e ele atrás de mim. Empurro-o da escada e ele cai. Vou atrás dele e começo a bater com um pedaço de pau. Nessa hora ele vira um monte de baratas. Vou correndo para o meu quarto. Depois de um tempo abro a porta, pois não ouço mais nada. Não vejo ele. Volto para o meu quarto e ele estava deitado na minha cama. Acordo”

Decodificação: Este sonho diz respeito ao ambiente familiar de M. Uma figura masculina ameaçadora tenta contato (homem maluco e psicopata) e esta foge. Confronta a

figura masculina e entra em contato com conteúdos considerados sujos e proibidos, podendo dizer respeito a uma carga erotizada da figura masculina (homem que vira baratas). Foge novamente, agora para a sua intimidade, e se depara novamente com estes conteúdos.

Comentários: Observa-se que os elementos “Invasor, homem sem cabeça, pais, homem maluco e psicopata” se transformam em baratas, que é um elemento da representação da sujeira, do esgoto e do submundo, representa sentimentos proibidos, podendo ter conotação sexual (Dias, 2002, p.87).

Além disso, pode-se observar que M. continua o processo de reparação dentro do próprio sonho, sendo que, neste momento, M. é o próprio cachorro do sonho anterior que ataca a figura agressora, assume o confronto com a figura masculina.

“Estou em casa [mas não é minha casa real] com meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã na sala assistindo TV. De repente aparece uma barata, minha mãe vai buscar o spray para matá-la, ela joga o veneno na barata, mas ela não morre, todos fogem dela. Ela vem na minha perna, tento afastá-la de mim, mas tenho dificuldades, pois ela parece uma bola, fica pulando, sinto as anteninhas encostando nas minhas pernas. Fico com nojo e medo. Não consigo matá-la”.

Decodificação: M. continua em contato com conteúdos relacionados ao âmbito familiar. Percebe a presença de um clima considerado sujo e proibido (barata) dentro deste ambiente, podendo ser uma carga erotizada. A figura feminina tenta desconsiderá-lo e amortecê-lo (mãe tenta matá-la), mas estes conteúdos não desaparecem e M. começa a estabelecer um contato mais próximo, a interagir com estes sentimentos (“sinto as anteninhas encostando nas minhas pernas”).

Comentários: Vale ressaltar, que esta carga erotizada pode dizer respeito a um clima captado pela cliente e não uma vivência erótica sexual com a figura masculina. Também se observa neste sonho a repetição do elemento simbólico (Barata) e do próprio enredo, estando cada vez mais compreensível e menos simbólico.

“Sonhei que estava na Av. Tucuruvi (fica próximo á sua casa) e entrei nas Casas Pernambucanas. Lá havia uma porta com dois seguranças: um homem e uma mulher. Perguntei o que tinha atrás da porta e eles disseram que era um parque de diversões. Entrei. Estava dentro de um tubo preto transparente, comecei a andar dentro dele. Olhei para trás e vi um gato preto me seguindo. Fiquei com medo, de repente havia muitos gatos atrás de mim. Saí correndo e vi uma porta. Atravessei e estava em Jandira. Andei até a rua da minha tia, passei pelo cemitério e vi alguns góticos dormindo lá. De repente vi estas mesmas pessoas conversando, parei para conversar, mas comecei a ficar com medo e saí. Elas vieram atrás de mim e eu fugi. Vi a casa de uma amiga, ela estava na porta e contei que haviam pessoas me seguindo. Ela levantou a cabeça e estava com os olhos vermelhos. Saí correndo de medo. Acordei.”

Na pesquisa, M. disse que morou em Jandira até aproximadamente 7 anos, embora até hoje visite esta cidade, aonde sua tia mora. Depois mudou-se para São Paulo e a rua onde mora fica próxima a Avenida citada no início do sonho.

Decodificação: Está em uma passagem de sua vida, onde entra em contato com um lugar proibido, um lugar onde não deveria ter acesso, que pode ter relação com conteúdos sexuais (parque de diversões). Começa a entrar em contato com uma parte do “eu” menos conhecida (tubo preto) e percebe a presença de instintos considerados pouco nobres (gatos pretos) que lhe causam medo. Acha uma saída (porta), onde tenta amortecer estes sentimentos e instintos (cemitério e góticos dormindo). Começa a entrar em contato com o seu lado encoberto (amiga com os olhos vermelhos)

Comentários: As baratas do sonho anterior aparecem neste sonho como os gatos pretos, que continuam querendo contato com M., esta por sua vez tenta amortecê-los, porém começa a perceber o seu lado encoberto.

“Sonhei que estava em uma casa (não conheço), com muitas pessoas dentro, que também não conheço. Estava no quarto quando avistei pela janela um homem querendo entrar na casa, gritei para que não deixassem ele entrar, mas as pessoas não ouviram e permitiram que ele entrasse. Quando desço o homem estava com os olhos vermelhos, era

um homem cobra, queria me pegar”. M. contou que o sonho tinha continuação, mas não se lembrava do final.

Decodificação: Está em uma parte de seu mundo interno, onde observa a presença de conteúdos agressivos/sexuais (homem cobra), M. tenta impedi-los, mas não consegue.

Comentários: o elemento simbólico “olhos vermelhos” aparece novamente neste sonho, portanto pode-se correlacionar que estes conteúdos agressivos e sexuais estão em sua vivência interna.

Neste momento da terapia, houve o desbloqueio do processo psicoterápico por meio dos conteúdos trazido pelos sonhos e M. começou a manifestar sentimentos em relação ao seu padrasto, que era percebido como intolerante e prepotente. Foram propostas algumas técnicas que viabilizaram a expressão destes sentimentos – espelho com duplo e cenas de descarga – dando início a um questionamento de seu conceito de identidade, se percebendo em alguns momentos, também intolerante.

M. permaneceu em psicoterapia por aproximadamente 3 anos e houve a decisão de parar por alcance dos seus objetivos, embora a mãe sentisse a necessidade da continuidade dos atendimentos por angústias relacionadas à própria história de vida. Isto foi clareado durante as sessões com os pais e foi reforçada a necessidade desta retomar a psicoterapia pessoal – a mãe havia abandonado.

CASO 3:

K., 8 anos, veio para psicoterapia por iniciativa própria, pois apresentava medos intensos, além de ter muitos pesadelos. A mãe não via necessidade do tratamento, pois “K. sempre foi muito meiga, carinhosa e fácil de se relacionar”(sic). Contudo percebia que a filha era desorganizada e lenta para o ritmo de vida da família.

K. contou o seguinte sonho: *“Estava fazendo uma viagem de avião com a minha mãe, meu pai e minha irmã. O avião estava em turbulência e havia uma tempestade. Eu fiquei preocupada, porque a viagem era longa e não sabia para onde íamos. Os meus pais estavam dormindo e a minha irmã estava acordada e sem fazer nada. Eu fui para o banheiro e quando abri a porta, mudou de cena”*.

Era uma fábrica cheia de dinossauros. Fabricavam um líquido verde que colocavam na mamadeira para matar as pessoas e deixá-las mais saborosas para comê-las. Vi os dinossauros dando essa mamadeira para um bebê que morreu e eles comeram. Tinham olhos vermelhos e eram verdes, tinham cores escuras, tristes.

Eles começaram a correr atrás de 3 amigas, da minha irmã e de mim. Conseguiram pegar as amigas e minha irmã, que morreram e quando conseguiram me pegar e dar a mamadeira eu acordei”.

Decodificação: Está em contato com seus pensamentos desconectados da realidade (viagem de avião) que estão em turbulência. A família nega que tenham coisas ruins acontecendo. Abre a porta da intimidade.

Neste momento do sonho K. está na posição de observadora, onde começa a tomar consciência da contradição existente no cuidado (alimento venenoso), parecem que são provedoras, mas matam. Existem exigências de crianças “formatadas”, com um padrão pré-estabelecido, tornando-as apetitosas para os adultos, mas “envenenam” as crianças, onde perdem sua identidade e suas reais necessidades.

Dois dias depois, K. teve outro sonho: *“Sonhei que estava na Escola Miudinho. Estava na hortinha, quando cai e me machuquei, minha amiga estendeu a mão para me ajudar, mas a professora disse que não e mandou a amiga entrar para sala de aula.*

Muda de cena...

Minha avó (materna), minha tia-avó e duas amigas da minha avó estavam me perseguindo, tinham olhos vermelhos, pareciam bruxas. Estava muito assustada e correndo das bruxas. Elas voavam e quando elas conseguem me pegar, eu acordo”.

Na pesquisa, K. disse que estudou na escola “Miudinho” do mini-maternal até os 6 anos de idade. Também comentou que não mantinha um relacionamento próximo com sua avó materna, pois esta era muito exigente e autoritária.

Decodificação: Na primeira parte do sonho, K. precisa de ajuda, porém uma figura feminina, substituta da figura parental (professora), impede esta ajuda.

Na segunda parte, as figuras femininas são identificadas com os dinossauros do sonho anterior (olhos vermelhos) que alimentam e envenenam, portanto K. começa a perceber a contradição existente no cuidado das figuras femininas.

Após algum tempo, K. contou outro sonho: “*Estava em um sítio, onde estava o meu cachorro Kiko e mais dois boxers. Neste lugar havia um chão que era diferente e quem pisava, pulavam sapos em cima. Eram sapos grandes, pareciam de desenhos animados, não eram perigosos, mas nojentos.*

Eu ficava em cima de um chão em que os sapos não iam.

Depois eu vi um homem entrando dentro de um colchão de acampamento e indo para piscina. Os sapos foram para a piscina também, mas eles não sabiam que o homem estava dentro do colchão e nem o homem sabia que os sapos estavam lá. O Kiko percebeu o perigo e salvou o homem. O homem, que não gostava de cachorros, agradeceu.”

Decodificação: Está em uma região do “eu” relacionada aos instintos (cachorros). Percebe um clima ameaçador (sapos) do ambiente, que não a atinge.

Fica como observadora do homem atacado por este clima e a sua parte mais instintiva (cachorro) o salva e o protege desta ameaça.

Comentários: Observa-se, portanto, uma seqüência de sonhos, com repetição de alguns elementos e do próprio enredo. No primeiro sonho, a cliente começa a identificar a contradição no cuidado dos adultos, percebe também o clima de exigência e cobrança que não considera suas reais necessidades. No segundo sonho, esta ambivalência no cuidado começa a ser identificada nas figuras femininas, com a repetição do elemento “olhos vermelhos”, além do foco afetivo de ameaça (perseguição). No terceiro sonho, a cliente começa a ter consciência de que este clima ameaçador (sapos) ataca a figura masculina e um lado dela mais instintivo o defende.

Nota-se que as figuras femininas do segundo sonho são descritas como “bruxas”, assim, os sapos do terceiro sonho são elementos simbólicos que se repetem, uma vez que este também pode ser a representação da feitiçaria, do demônio e das bruxas (Dias, 2002, p.185).

Nos atendimentos com a mãe de K., observava-se clima de cobrança e exigência quanto às produções da criança, à falta de organização e ao ritmo lento de K., que destoava do restante da família. Paulatinamente, por meio das técnicas de inversão de papéis e

espelho, a mãe começou a se sensibilizar quanto às suas exigências, que não respeitavam as necessidades da filha, além de identificar sua dificuldade de estar mais próxima dela.

K. por meio dos sonhos e das brincadeiras, trouxe sua turbulência psíquica: a cobrança que percebia do ambiente, a proteção e a desproteção, o cuidado e o abandono. A partir das informações da mãe, K. tornou-se mais “respondona e manifestava mais freqüentemente seus descontentamentos”(sic), embora inicialmente isto tenha desagradado a mãe (e a família também), esta pôde compreender que K. estava mais espontânea e expressando seus sentimentos, pensamentos e percepções.

K. permaneceu em psicoterapia por aproximadamente 2 anos e ocorreu a parada por alcance de seus objetivos.

CASO 4:

L., 13 anos, veio trazida pelos seus pais para psicoterapia a partir das queixas de ansiedade, irritabilidade e isolamento social. Sentia-se preterida pela família, principalmente pela mãe, embora esta afirmasse que isto não ocorresse. Apresentava alguns rituais, que não eram rígidos, pois às vezes esquecia de realizá-los: quando ouvia a sirene da polícia precisava pensar em algo bom, caso contrário poderia ocorrer algo ruim para si e/ou para seus familiares; quando pensava que a mãe poderia morrer, deveria olhar para os olhos de alguma pessoa e não realizava nada que tinha correlação com o número 6.

A mãe mantinha uma atitude de extremo cuidado e proteção com a filha, sentia-se culpada por não ter desejado esta gravidez. Tentou o aborto.

L. contou os seguintes sonhos, após algum tempo em psicoterapia:

“Estava em uma casa, tudo era preto, eu e algumas pessoas corríamos de um monstro (que não aparecia) que queria nos pegar para matar. Parecia um jogo de vídeo game, na qual deveríamos ultrapassar fases. Pulávamos barreiras e corríamos muito. Chegávamos em uma porta. Neste momento já estava na vila aonde minha tia mora, lá havia um trator, com aquelas escavadeiras, que queria me pegar. Corria atrás de mim. Entrei em outra casa, dentro dela eu podia ouvir o barulho do trator, ficava com muito medo. Dentro desta casa havia muitos tubos com águas (parecidos com toboáguas de parques aquáticos). Cada um levava para um lugar”.

Decodificação: Está em contato com uma região do “Eu” desconhecida (casa onde tudo era preto) e com clima de perseguição. Diante da ameaça (monstro) que deseja amortecer seus sentimentos, pensamentos e percepções (quer matá-la), foge. Vê uma saída (porta), uma possibilidade de se salvar. Porém, também se depara com a ameaça (trator).

Foge e entra em outra região de seu mundo interno (outra casa) e tem contato com esta aflição (ouve o barulho do trator). Encontra como possibilidade de se salvar, o contato com a emoção (toboáguas).

Comentários: Pode-se observar a presença da defesa obsessiva dentro do próprio sonho, no momento em que L. descreve a perseguição como um jogo de vídeo game. Além desta defesa, temos a coisificação/petrificação da ameaça, o monstro passa a ser o trator.

“Estava fugindo de um robô que queria me pegar para matar. Ele queria entrar em casa. Eu tinha um gatinho cinza que sempre ficava comigo e me ajudava a fazer coisas. Eu coloquei uma série de coisas na porta para impedir que entrasse. O robô batia forte. Fui para o meu quarto e verifiquei que seria difícil pular pela janela, uma vez que estava no terceiro andar. Fui para lavanderia que havia uma janela sem grades. O gatinho pulou e disse para eu pular também. Pulei e cai em uma espécie de piscina rasa. Despistamos o robô.

O gatinho agora era branco, estava no meu quarto e ele estava no meu colo. Ele começou a me arranhar, eu fiquei com medo e joguei-o pela janela, mas ele aparecia novamente no meu colo”.

Decodificação: Está fugindo de algo que a ameaça (robô). Recorre a uma série de recursos de proteção, inclusive ao seu lado afetivo (gatinho), e de defesa para não entrar em contato com esta ameaça. Tenta encontrar saídas e possibilidades, porém percebe caminhos perigosos que não dá conta (janela do terceiro andar). Tenta outra saída (lavanderia), o contato raso e superficial com as emoções (piscina rasa).

Estava em sua intimidade (quarto) e começa a perceber que entrar em contato com algumas emoções e sentimentos (gato branco) machuca, incomoda e dá medo. Tenta se livrar, mas isto retorna.

Neste momento da psicoterapia, L. começou a se queixar de insônia e maximização da ansiedade. Notou-se, por meio dos sonhos, que a cliente entrou em contato com sentimentos intensos, ocorrendo um superaquecimento.

“Estava na portaria do meu prédio com minhas amigas, eu estava de pijama [mas no sonho não estranhava tal fato], comendo torrada com requeijão, melei meu rosto ao comer, fui tirar uma foto com as amigas e meio a minha amiga. Subo para o meu apartamento e como mais alguma coisa. Desço novamente, porém as escadas ficam sem saída, quanto mais desço, mais fico com medo. Decido voltar e encontro com minhas amigas, digo a elas que vou descendo na frente e encontro-as lá embaixo. Desço as escadas e chego em uma festa, muitas pessoas estão lá e algumas delas são minhas amigas, tento me aproximar delas, mas não consigo. Acordo”.

Decodificação: L. está em contato com conteúdos mais íntimos (pijama), relacionados ao universo feminino. O contato intenso com seu mundo interno (descer as escadas) causa-lhe medo e tenta evitar este contato. O contato com o mundo externo/ social (festa) também é permeado por um impedimento.

Comentários: Nota-se nesta seqüência de sonhos, que os elementos símbolos de ameaça são: monstro e trator (1º sonho), robô e gatinho branco (2º sonho) e escadas sem saída (3º sonho). Observa-se, portanto, que existem conteúdos ligados à sexualidade, ao universo feminino que lhe mobilizam grande angústia, que L. tenta evitar o contato, porém estes se fazem presentes no seu mundo interno.

Nos atendimentos, observava-se que os temas ligados à sexualidade eram evitados e quando abordados L. reagia de forma extremamente agressiva e hostil.

L., após 1 ano em psicoterapia, decidiu interromper os atendimentos. Entendeu-se que esta parada, foi motivada por medo e resistência interna em continuar a pesquisa intrapsíquica, além de um comportamento de birra ligada à figura materna.

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com sonhos no referencial da Análise Psicodramática foi introduzido no processo psicoterapêutico de crianças a partir dos benefícios trazidos no trabalho com adultos.

Observou-se que as crianças sonham com menos intensidade do que os adultos. Isto pode ser explicado pelo fato da criança ter menos vivências e, portanto, menor quantidade de material excluído. Mas nem por isso o trabalho com sonhos na clínica infantil se coloca inviável.

Notou-se também que aqueles que ocorrem com maior frequência (ou aqueles que são os mais lembrados) são os “pesadelos”, sonhos cujo foco afetivo são de ameaça e fuga, medo e angústia.

A decodificação dos sonhos para as crianças é realizada em linguagem acessível e, muitas vezes, a releitura é focalizada no clima afetivo do sonho e na relação entre os elementos, o que possibilitou um encadeamento de sonhos, onde a repetição de símbolos, enredos ou climas afetivos acontecem e tornam-se cada vez mais claros para o sonhador.

Com a utilização do material onírico e do Método da Decodificação dos Sonhos na psicoterapia infantil tem-se observado uma agilização no processo de abordagem do material excluído e posterior entendimento do cliente dos seus sentimentos, pensamentos, percepções e intenções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, V.R.C.S. Sonhos e Símbolos na Análise Psicodramática: glossário de símbolos. São Paulo. Agora, 2002.

DIAS, V.R.C.S. Sonhos e Psicodrama Interno na Análise Psicodramática. São Paulo. Agora, 1996.

DIAS, V.R.C.S. Análise Psicodramática. São Paulo. Agora, 1994.

DIAS, V.R.C.S. Psicodrama: Teoria e Prática. São Paulo. Agora, 1987.

FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1972 (Vol. IV e V).

GONÇALVES, C.S. Psicodrama com Crianças: uma psicoterapia possível. São Paulo, Agora, 1988.

GONÇALVES, C.S. Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno. São Paulo, Agora, 1988.

PETRILLI, S.R.A. Psicodrama com Crianças: raízes, transformações, perspectivas. Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, Costa do Sauípe, 2002.